
**LITERATURA E FILOSOFIA, A FORMAÇÃO DO LEITOR NO
ENSINO MÉDIO: ENTRE RITOS E SONHOS, A TERRA
SONÂMBULA, DE MIA COUTO**

Literature and Philosophy, the reader education in High School: between rites and dreams, Terra Sonâmbula, by Mia Couto

Rodrigo Felipe Veloso¹

RESUMO: Este artigo se apresenta como resultado de um projeto interdisciplinar e tem como objetivo proporcionar aos alunos o contato com a filosofia por meio do texto literário Terra Sonâmbula, de Mia Couto. A partir da leitura e discussão da obra em estudo, busca-se desenvolver práticas de ensino e aprendizagem que possibilitem o interesse e desenvolva o senso crítico dos discentes, especialmente pelas questões de cunho filosófico. Seleciona-se como objeto de estudo uma turma de alunos do 2º ano do ensino médio, de uma Escola Estadual na cidade de Montes Claros, norte de Minas Gerais, turma esta, que tem apresentado constante desinteresse e dificuldades em relação à leitura de obras literárias e, sobretudo, pela disciplina de Filosofia. Para tanto, utiliza-se os seguintes autores: Antonio Candido (1989), Rildo Cosson (2006), Vera Teixeira de Aguiar (1993), Arnold Van Genep (2011), Karl Jaspers (1965), Maria Antonia Perdigão (2001), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Formação do Leitor; Literatura Africana; Filosofia; Interdisciplinaridade; Ensino Médio.

ABSTRACT: This article is the result of an interdisciplinary project and aims to put students in contact with philosophy through the literary text Terra Sonâmbula, by Mia Couto. From the reading and discussion of the work under study, the aim is to develop teaching and learning practices that enable interest and develop the critical sense of students, especially regarding questions of a philosophical nature. The object of the study is a class of students in the 2nd year of high school, from a State School in the city of Montes Claros, north of Minas Gerais, a class that has shown constant lack of interest and difficulties in reading literary works and, above all, in the discipline of Philosophy. To do so, the following authors were used: Antonio Candido (2011), Rildo Cosson (2006), Vera Teixeira de Aguiar (1993), Arnold Van Genep (2011), Karl Jaspers (1965), Maria Antonia Perdigão (2001), among others.

KEYWORDS: Reader Education; African Literature; Philosophy; Interdisciplinarity; High School.

¹Doutor em Letras e Professor do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).

INTRODUÇÃO

A proposta interdisciplinar apresentada neste artigo resultou de uma experiência de ensino de Literatura e Filosofia no Ensino Médio. O palco da intervenção foi uma Escola Estadual da cidade de Montes Claros - MG, mais particularmente uma turma do 2º ano do ensino médio, no ano de 2023.

Nosso estudo foi de caráter qualitativo, uma vez que realizamos um modelo de pesquisa atuante, pragmática em que o professor pesquisador interveio no próprio contexto da sala de aula visando identificar se a proposta de trabalho com a Literatura e Filosofia, em especial, utilizando o romance *Terra Sonâmbula* ofereceu aos alunos à aquisição de novos conhecimentos, a formação de um novo leitor que se mostrou assíduo e crítico. A metodologia tratou-se da pesquisa-ação, isto é, uma estratégia para o desenvolvimento tanto docente quanto discente no ambiente escolar, com vistas a aprimorar o ensino e, por conseguinte, o aprendizado dos estudantes. Para isso, a narrativa *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, foi analisada, a fim de descortinar questões existenciais e filosóficas, que nos serviu enquanto contribuição metodológica para o ensino de Filosofia. Destarte, adotamos o recurso da literatura com material de cunho filosófico por meio da sugestão de trabalho oferecida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM).

Vale ressaltar que o nosso intuito com tal experiência em sala de aula não teve a pretensão de formar filósofos profissionais e nem tampouco reduzir a importância da Filosofia juntos aos discentes, o que pretendíamos foi apresentar aos estudantes o conhecimento da Filosofia, especialmente os conceitos, postulações e pensamentos filosóficos, com intuito de que pudessem por meio de tal disciplina construir discursivamente e filosoficamente sua própria realidade, encontrando sua própria identidade em meio ao contexto sociocultural.

A mola propulsora para difusão desse trabalho foi tratar conceitos filosóficos em consonância com a literatura e isso aconteceu a partir do convite desta à reflexão, buscando evidenciar a questão lúdica vista como elemento ligado ao jogo do pensamento. Nesse caso, tratamos o pensamento como ação lúdica, ou seja, numa tentativa de buscar maneiras eficazes para se entender a realidade e, portanto, destinado a imprimir sentido imerso ao caos das experiências.

Foi realizada uma pesquisa-ação, pois essa estratégia tem como escopo realizar alterações durante o percurso da pesquisa e também as denominadas “sequências didáticas”. Nessa turma de 2º ano do Ensino Médio foi realizado o diagnóstico, cujo resultado demonstrou que poucos alunos

apresentavam interesse pela leitura de textos literários e, também de natureza filosófica. Sabendo que a escola é responsável pelo desenvolvimento das competências relacionadas à leitura e da importância da literatura nessa formação, fez-se necessária a realização do projeto aqui representado.

Portanto, nossa proposta de investigação culminou no resultado do trabalho de conclusão de curso na Pós-graduação em Ensino de Filosofia no Ensino Médio que realizei no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), em 2017.

O EXISTENCIALISMO NA FILOSOFIA: CONHECER A SI MESMO É ESCREVER SUA PRÓPRIA HISTÓRIA

O existencialismo ou filosofia da existência surge na Europa no período entre as duas guerras e cresce substancialmente até virar moda. Das filosofias otimistas como positivismo, marxismo, por exemplo, tem-se no existencialismo sua atenção voltada para a condição do homem finito “jogado no mundo”, envolvido em situação problemática e absurda, numa tentativa de captar a realidade e evidenciar o sentido do progresso da história.

Para Giovanni Reale e Dario Antiseri (2006), ao nos apresentar conceito de existencialismo menciona que:

É do homem concreto que os existencialismos pretendem falar, do homem na individualidade de sua existência. É a existência, com efeito, o modo de ser do homem: é um poder-ser, um sair fora (um ex-sistere) para a decisão e autoplasmção. As coisas e os animais são aquilo que são, mas o homem será aquilo que decidiu ser. Portanto, a possibilidade e o modo de ser constitutivo da existência. Existência aberta à transcendência, que nas diferentes propostas dos pensadores existenciais, se configurará como Deus ou o mundo, a liberdade, o nada (REALE; ANTISIERI, 2006, p. 215).

Interessante destacar que o homem deve criar sua essência, que é inata em si mesmo, e estando jogado no mundo luta diante daquilo a que ele se apresenta enquanto desafio e vai se constituindo. Logo, ele somente poderá agir diante dos obstáculos se contar exclusivamente consigo mesmo, uma vez que está “sozinho e abandonado ao mundo”, tendo responsabilidades além de si mesmo, tentando viver um destino que a ele já se apresenta aparentemente como único.

Nesse sentido, Jean Paul Sartre em *O Existencialismo é um*

Humanismo descreve que “o existencialismo como uma doutrina que torna a vida humana possível que, por outro lado, declara toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana” (SARTRE, 2014, p. 16).

Sartre ao citar a subjetividade humana concebe que ela pode, de um lado, estar vinculada à escolha de um sujeito individual de si mesmo e, por outro lado, da não possibilidade que o homem se apresenta em ultrapassar os limites da subjetividade humana. Sartre reitera que é o segundo significado que forma o sentido essencial do existencialismo. Além disso, Sartre postula que “ao afirmamos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens” (SARTRE, 2014, p. 19). Ser individual e coletivo forma e torna a essência do homem ser único, pois o primeiro registro do existencialismo pauta-se em colocar o homem em responsabilidade daquilo que, de fato, o é, uma responsabilidade total de sua existência.

LITERATURA COMO IDENTIDADE HISTÓRICA, SOCIAL E ANTROPOLÓGICA DE UM POVO NA CONTEMPORANEIDADE

Antonio Candido (2011) em seu texto “O direito à Literatura”, revela-a como um direito substancial e necessário para os indivíduos, tal qual eles têm direito de trabalhar, comer e se vestir. Isso porque a literatura transforma vidas, transforma e desenvolve o intelecto das pessoas, abre a mente delas para um mundo crítico, sensível e latente de sua realidade sociocultural. A fruição do texto literário emancipa o conhecimento e autonomia do pensamento crítico do indivíduo e sua ascensão social é notável. Vale ressaltar que para o sistema governamental, seria mais benéfico manter a classe menos favorecida sem acesso à leitura no intuito da manipulação e obediência ao sistema político e preservação da hierarquia.

Harold Bloom (2001) em seu livro *Como e por que ler?* ressalta essa condição produtiva que a leitura exerce no leitor, uma vez que se materializa num hábito pessoal de construção interna e se manifesta numa relação contínua com o passado. Com isso, indica uma prática educativa, pois à medida que a leitura se torna cotidiana, o leitor se funde ao autor, ao personagem e constrói em comunhão a história narrada. Esse ato prazeroso da leitura desperta no educando uma integração ao texto e este faz dele seu controle remoto guiando-o pelos canais que mediante a leitura poderá percorrer e “assistir” e, posteriormente discutir e convidar a outros colegas para vivenciar essa aventura do saber e adquirir mais conhecimento.

Em *Terra Sonâmbula* encontramos duas histórias diferentes, mas que em essência se comunicam. Percebemos na narrativa a primeira história,

cujos protagonistas, Muidinga e Tuahir estão em fuga da guerra civil devastadora que assola Moçambique. Narradas em *flashback*, estão à trajetória e travessia de Kindzu no desejo de se tornar um guerreiro naparama (guerreiros que combatiam os “fazedores de guerra”) - essa estória nos é contada por Muidinga ao encontrar numa mala à beira da estrada, ao lado de um corpo, os “cadernos de Kindzu”.

A construção da identidade cultural na contemporaneidade se situa numa problemática do processo identitário do sujeito, inserido num espaço e tempo, no qual se evidencia pela descolonização tardia. Neste sentido, ainda no século XX, países da África se encontravam sob a hegemonia de nações ocidentais, especialmente europeias. A partir de então, surge um movimento pró-independência na segunda metade do século XX, com o intuito de uma grande utopia libertária, o que revela um ideal de construção das identidades dos povos africanos.

Assim, percebe-se, que, após a descolonização, surge uma nova crise identitária. Portanto, o sujeito inserido na mudança do estágio colonial para o de independente, precisa reconhecer e legitimar a si mesmo. A literatura pós-moderna “[...] existe para falar da pobreza da experiência, dissemos, mas também da pobreza da palavra escrita enquanto processo de comunicação” (SANTIAGO, 2002, p. 56). Assim, o narrador pós-moderno transmitirá o seu conhecimento em decorrência da observação que fará de uma vivência alheia a ele, uma vez que a ação é construída na realidade social de sua existência.

O mundo globalizado impõe um estilo de vida baseado, principalmente, no multiculturalismo. Tal fenômeno misturou elementos culturais diferentes e, amparado nos avanços científicos e tecnológicos, distorceu as noções de tempo e espaço. Isso causou uma ruptura das identidades fixas. Conforme descreve Stuart Hall (2006), essas identidades, de classe, etnia, gênero etc., tornaram-se insustentáveis em um mundo perpassado pelo multiculturalismo e pelo confronto entre as tendências de homogeneização e de individualização.

Entretanto, aparece um sujeito fragmentado, dividido entre inúmeras identidades, muitas delas até contraditórias, envolto numa relação de vazio existencial, de incertezas e diferenças, já que há nas relações sociais uma mudança permanente. Evidenciamos, assim, o caráter transitório e temporário do sujeito contemporâneo. Aqui não cabe mais falar em estabilidade, em delimitar linhas fixas para um sujeito unificado e coerente, tal pensamento é ilusório, uma vez que as sociedades da contemporaneidade são caracterizadas pela diferença; elas são atravessadas por diferentes “posições de sujeito” – isto é, identidades – para os indivíduos. Assim, entende-se a “crise da identidade” somente “quando algo se supõe como fixo,

coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. (MERCER, 1990, p. 43, *apud* HALL, 2006, p. 09).

É mister que se registre, mais uma vez, a descolonização dos países de África que se deu tardiamente. Desse modo, essa temática nos é apresentada pela literatura, sendo um canal pelo qual ressentimentos e turbulências ocorrem em momentos históricos e culturais conflitantes. Contudo, podemos nomear nesse ponto os ritos de passagem como exemplo desses ideais, lutas, perdas e crises surgidas no decorrer desse processo.

A FORMAÇÃO DO LEITOR: A LITERATURA E A FILOSOFIA, PROTAGONISMO E CONSAGRAÇÃO RITUALÍSTICA DA EXISTÊNCIA DO AUTOR-LEITOR NA ESCOLA

O sentido do verbo existir na literatura se traduz como representação da vida experimentada no contexto social e o autor escreve esse instante vivido em sua essência e condição no texto literário. Para Vera Teixeira (1993), a literatura pode ser concebida como manifestação humana que direciona o indivíduo a ler atentamente o mundo **no** qual habita, todavia, isso mediante leitura literária. Ainda segundo Teixeira, a história da literatura

[...] remonta às primeiras manifestações humanas de expressão e comunicação, também em nossa trajetória individual percorremos o mesmo caminho. Nossa formação leitora tem início nas canções de ninar que, bebês ainda, nos acalantam o sono. A importância, pois, dos primeiros contatos com a palavra é fundamental para a formação da sensibilidade linguística, isto é, a capacidade de prestar atenção nos sons e nos sentidos, no ritmo e na melodia de cada frase que ouvimos ou, depois, lemos, vai, gradativamente, aproximando-nos do texto escrito em todos os suportes e da literatura, especialmente. (TEIXEIRA, 1993, p. 109-110).

Nesse sentido, a literatura já existia mesmo antes de ser registrada por escrito nos livros, pois ela compõe oralmente as histórias narradas entre as pessoas, bem como as condições de vida dos indivíduos em contexto sociocultural. Sendo assim, o leitor deve estar sempre atento durante o ato de leitura, pois sua vida e de sua comunidade são representadas por meio do texto e uma reflexão dessa relação dialógica acentua o protagonismo do indivíduo e de sua comunidade.

Ainda nesse aspecto, o ato de leitura se mostra como místico e transcendente no que tange ao sentido produzido pela leitura no leitor e que

vai além do autor, haja vista que tal processo significa um “autor morto” que enuncia ao leitor-autor vivo o enredo de como seu texto irá se constituir e quais suas implicações na sociedade. Dito de outro modo, a morte do autor ao qual, Roland Barthes (2004) reitera em seu livro *Rumor da língua* situa-se na possibilidade de que quem escreve não mais tem domínio e autoria de sua criação, uma vez contada uma história, esta não mais o pertence, a voz autoral perde sua origem, o autor entra na sua própria morte, a escrita “virtual” do leitor que, a partir de então, passa a ser autor começa.

Na Filosofia, por sua vez, existir significa simplesmente filosofar, segundo Antonia Cristina Perdigão (2001), ou seja, significa para o homem estar diante e com os olhos bem abertos para seu destino e para si mesmo.

O estudo filosófico existencialista apresentado por Karl Jaspers possui três definições fundamentais e que nos ajudará a fundamentar a condição da formação do leitor mediante leitura do texto literário, bem como emancipação filosófica desse mesmo leitor que se mostra sendo consciente, em especial de sua natureza linguística, social e cultural.

Os elementos propostos por Jaspers são Dasein, Existência e Transcendência, em outras palavras, Jean Wahl (1962) classifica sendo ser-objeto (Dasein), ser-sujeito (Existência) e ser-em-si (Transcendência). Logo, “Dasein, Existência e Transcendência caracterizam-se por uma unidade fundamental que advém da luta que as distingue e as impele na direção umas das outras. Coexistem em cada um de nós e constituem aquilo que somos” (PERDIGÃO, 2001, p. 541).

Enquanto Dasein, “o sujeito está ao nível da vida e só pelo conjunto da vida consegue explicar a si próprio que vive e morre porque está ligado a um corpo. [...] O homem é apenas vida” (PERDIGÃO, 2014, p. 541). Conceituado com o que está-aí, isto é, presença do homem no mundo, a experiência apreendida com a realidade ou com o acontecimento sobre o qual a liberdade se solidifica, o aí é a situação e localiza-se ao nível do concebível. Na obra de Jaspers não há Existência sem Dasein, mas o Dasein não é a Existência.

Jaspers concebe o conceito de Existência afirmando que só se pode esclarecê-la, porque a realidade deixa de ser o mundo para ser a própria realidade do existir ou o próprio existir enquanto tal. Dessa maneira, a existência do ponto de vista formal, como ressalta Jean Wahl, equipara-se ao ser-sujeito, ou seja, ao homem na sua vida pessoal e autêntica.

O conceito de Transcendência equivale ao já-lá-está, conduzindo o indivíduo que, por sua vez, “transcende o mundo e se transcende a si mesmo como Dasein. [...] Assim como a Verdade é o nosso caminho, a Transcendência é o sentido da Existência [...] um caminho múltiplo e diverso, mas sempre convergente” (PERDIGÃO, 2001, p. 555).

Sendo assim, nas palavras de Jaspers, ao definir a identidade do indivíduo sendo formada por meio da experiência, o autor indaga:

Quem somos nós, que são esses olhos que estão no mundo e veem e conhecem e compreendem? Seres pensantes, somos a dimensão – única, segundo sabemos – onde aquilo que é se revela em nosso pensamento objetivo, em nossa compreensão, em nossa ação, em nossa criação, em casa forma de experiência. Mas ainda: temos não apenas consciência, mas consciência de nós mesmos. Nesta consciência não há tão-somente revelação, mas a revelação de si para si mesma (JASPERS, 1965, p. 35).

A consciência nos faz agir e nos deslocar no mundo, a experiência favorece a constituição dessa mesma consciência que se transforma e forma a identidade do indivíduo em interação com os outros e com o mundo que o cerca. Quando perguntamos sobre nós mesmos, também estamos perguntando quem somos? O que desejo? Como me apresento nesse mundo? Estamos caminhando para descobrirmos o sentido, numa reflexão de mim sobre o mundo. E assim, sozinho, começa a vida autêntica de um homem, ganhando a consciência de sua existência.

Nesse sentido, nos apoiando nas habilidades apresentadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Língua Portuguesa para o Ensino Médio temos que, ao trabalhar com o texto literário em sala de aula e prezando pelo aspecto dialógico, interdisciplinar com outras áreas, como é o caso da Filosofia, podemos por meio do ensino e aprendizagem desenvolver nos discentes habilidades como:

Planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos, considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido, ao veículo e mídia em que o texto ou produção cultural vai circular, ao contexto imediato e sócio-histórico mais geral, ao gênero textual em questão e suas regularidades, à variedade linguística apropriada a esse contexto e ao uso do conhecimento dos aspectos notacionais (ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc.), sempre que o contexto o exigir. (BNCC, 2018, p. 500)

De acordo com Pedro Gontijo (2013), talvez o professor possa mudar as perguntas que faz a uma turma de alunos. Em vez de perguntar o que significa uma coisa ou uma teoria, poderia perguntar o que eles podem pensar e fazer com o que foi desenvolvido naquela aula. Ao pensar sua aula, o professor pode perguntar como ela funciona e que conexões estabelecem com outras aulas ou coisas. Sendo a aula um agenciamento, ela se conecta com outros agenciamentos, mesmo que imperceptíveis num primeiro momento. Não se perguntará sobre a compreensão da aula, mas sim, sobre as conexões que podem se estabelecer.

Segundo descreve Roberto Rondon em seu texto “Entre o universalismo da tradição filosófica e a diversidade local nas escolas e seus sujeitos”:

[...] as aulas de filosofia poderiam começar com a escolha de temas sugeridos pelos alunos, mediados pelos programas estabelecidos pela escola e/ ou professor responsável. Conceituando, pensamos a definição do currículo como um espaço de confronto entre os desejos dos educandos e os processos de “realidade” estabelecidos pelos professores. O contato com a filosofia é importante para o desenvolvimento do aluno, tanto social, como pessoal. Por isso, considera-se necessário o desenvolvimento de intervenções e propostas que possam aproximar o aluno com a filosofia. (RONDON, 2013, p. 68-69).

Na prática de atuação docente, o acesso dos educandos aos conceitos oriundos da literatura e filosofia começa dando voz a quem deve ser o protagonista, uma vez que é o princípio fundamental para aquisição e desenvolvimento do pensamento autocrítico e identitário do discente.

Portanto, após o conhecimento das razões do desinteresse dos alunos pela literatura que se manifestou como a necessidade de entrada no mercado de trabalho durante o Ensino Médio e, conseqüentemente a falta de tempo dedicado à leitura, o baixo uso da tecnologia em sala de aula, a carência de estímulo devido constantes ausências dos professores e a não conservação do espaço físico como a biblioteca. Dentro dessa perspectiva, foi possível articular a filosofia como meio pelo qual tal relação interdisciplinar torna-se produtiva, utilizando recursos metodológicos capazes de incentivar a prática de leitura dos conceitos filosóficos implícitos no texto literário *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, que permitiu agregar e intervir na construção do conhecimento em sala de aula.

Por fim, a experiência de leitura e análise da obra em estudo no

âmbito da sala de aula trouxe discussões por parte dos discentes que vão desde o contexto histórico de Moçambique, em especial quando aprendem sobre a situação de guerra civil que se começou em 1977 e, além disso, o contexto social das personagens que procuram melhores condições de vida e sobrevivência estando num país em decadência. O ponto mais indagado pelos estudantes tratou-se da ausência dos pais de Muidinga, uma vez que ele permaneceu órfão durante toda a narrativa e encontrou no velho Tuahir, seu guia e protetor. Outra menção dos alunos se deveu ao poder instituído e imposto à população por grupos totalitaristas, haja vista que as mortes surgidas, principalmente pela crise de fome não fizeram com que tais grupos abortassem a guerra que se findou em 1992.

A CERIMÔNIA DE PASSAGEM

O espaço narrativo de *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto possui uma rede especular e simbólica, pressupondo uma teia de signos, que a constrói através do olhar, do sonho e da memória imediata para determinar acontecimentos e argumentos, matéria viva, seguindo o movimento de impressão, imaginação e expressão. O ato de olhar a estrada morta já no primeiro capítulo da narrativa descreve o lugar e o seu atual estado.

A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Eram cores sujas, tão sujas que tinham perdido toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui, o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte (COUTO, 2004, p. 02).

Essa terra que abraça os corpos da guerra é a mesma terra que direciona os protagonistas a buscarem seu ritual de sobrevivência. “Andam bambolentos como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram” (COUTO, 2004, p. 02). Esse caminhar está relacionado aos ritos pelos quais os protagonistas vivenciaram no decorrer do processo, o que revela um momento de travessia, um rito de separação de seus entes.

No primeiro caderno de Kindzu, encontramos o seu drama em sobreviver à guerra e, ao mesmo tempo, a sua fuga em relação ao esfacelamento da família. Isso porque sua mãe sente uma dor incurável diante da perda de seus irmãos, ou pela loucura e morte do pai. Mais uma vez, o rito de separação, o Dasein é instaurado, proporcionando ao protagonista vivenciar esse estágio.

A narrativa é um espaço de representação do sonho, pois este é um campo de interpretação de quem busca encontrar um sentido na vida, bem como o próprio destino, de seguir sua estrela, a fim de concretizar o ideal de vida que há em nós. Desse modo, Kindzu sonha uma realidade diferente para sua família.

O sentido teórico que buscamos refere-se àquele definido por Arnold Van Gennep em seu livro *Os ritos de passagem* e por Karl Jaspers em sua teoria da filosofia existencialista que dizem respeito às possíveis travessias, trajetórias e vivências das relações sociais. Com isso, Gennep busca definir uma estrutura desses ritos, pois ele propõe e anuncia “tomar a própria vida social na sua dialética entre rotinas e cerimoniais, repetições e inaugurações, homens e mulheres, velhos e moços, nascimentos e mortes” (DAMATTA, *apud* GENNEP, 2011, p. 10).

Sintetizando, a fim de fixarmos as ideias sobre a classificação e definição dos ritos de passagem, a saber: ritos de separação, margem e agregação, temos, primeiramente, “uma separação das condições sociais prévias; depois, um estágio liminar de transição; e, finalmente, um período de incorporação a uma nova condição ou reagregação à antiga. Essas três fases dos rituais eram vistas como universais” (PEIRANO, 2003, p. 22). Assim, a vida individual do sujeito “transitante” inserido em qualquer tipo de sociedade, consiste em passar sucessivamente de uma idade a outra, no entanto, essa passagem é marcada pelos momentos especiais, os quais agregam as nossas aprendizagens em ritos específicos, como o batismo, o casamento, a morte, por exemplo. Nesse aspecto, Gennep menciona que “o indivíduo modificou-se, porque tem atrás de si várias etapas, e atravessou diversas fronteiras” (GENNEP, 2011, p. 24), realizando assim, etapas e momentos de passagem que estão direcionadas aos “ritmos” que afetam os indivíduos nesse contexto sociocultural.

A teoria dos ritos de passagem serviu-nos como aparato teórico-metodológico para a análise da obra e assinala as mudanças dos indivíduos. Gennep analisa em sua obra *Ritos de passagem* como as sociedades realizam seus ritos e nos mostra como a passagem de uma categoria ou condição a outra demarca como esses ritos podem ser concebidos em sequenciação narrativa ou sequência narrativa ou sequência cerimonial, bem como podemos situá-los numa relação trifásica e, sobretudo da equivalência de tais conceitos se associarem aos concebidos por Jaspers quanto à filosofia da existência como Dasein (rito de separação), Experiência (ritos de margem) e Transcendência (ritos de agregação).

O rito de separação e o Dasein trazem uma ideia de continuidade, movimento, transformação, no que diz respeito ao objeto que participa da passagem de uma condição a outra, uma vez que tais ritos “são destinados a *cortar* os vínculos com um estado anterior. Envolvem em geral o primeiro corte de cabelo, o ato de raspar a cabeça, etc. Há ritos de partida [...] atos que confirmam ou simbolizam ruptura, afastamento” (JUNQUEIRA, 1985, p. 178; grifo nosso), reiterando de modo geral, que esse rito compreende ainda, “todos aqueles nos quais se corta alguma coisa” (GENNEP, 2011, p. 53).

Nesse sentido, o rito de separação (e agregação), o Dasein de Muidinga se dá quando Tuahir, vindo de sua aldeia em direção ao campo de deslocados é convidado a enterrar seis crianças recém-falecidas, dentre elas, está Muidinga. Os corpos estavam numa cabana, despidos e cobertos por uma lona. No momento em que Tuahir ajuda a arrastar os corpos para um buraco, de repente, percebem-se que “os dedos de uma das crianças se cravavam no chão. Não havia dúvida, aqueles dedos se agarravam, à vida, lutando contra o abismo. Aquela criança ainda respirava” (COUTO, 2004, p. 29).

A vida de Muidinga passa por um segundo nascimento, pois vivencia o seu rito de iniciação de um novo ciclo, separa-se da família e agrega-se a Tuahir, e este o educa, ampara e o direciona a seguir os seus ritos. Eliade descreve-nos algo semelhante, mas que se efetua durante o retiro de um neófito numa selva. Entretanto, nesse ritual de separação, o Dasein sinaliza que a integração do indivíduo de seu grupo, serve-nos de comparação ao estágio ritualístico que os protagonistas vivenciam, uma vez que “a cerimônia começa sempre com a separação do neófito de sua família e um retiro na selva. A morte do neófito significa uma regressão ao estado embrionário [...]” (ELIADE, 1992, p. 91).

O rito de separação de Kindzu, por sua vez, acontece depois que os laços familiares são destituídos, ou seja, o seu irmão e o seu pai desapareceram inesperadamente, o que revela o estado de desarticulação do protagonista, uma vez que “bastava que um desse fio fosse cortado para que tudo entrasse em desordens e desgraças se sucedessem em desfile” (COUTO, 2004, p. 09).

Vale ressaltar que Kindzu, a partir do desaparecimento de seu pai, não consegue desvinculá-lo de sua vida, pois é através do sonho que esse contato se torna latente. Diante disso, a sua mãe procura um feiticeiro que a ensina um ritual de encontro com a figura paterna: “ela que construiu uma casa, bem afastada. Dentro dessa solitária residência ela deveria colocar o velho barco de meu pai, com seu mastro, sua tristonha vela. (...) Motivo do barco, dentro da casa, meu pai poderia regressar, vindo do mar” (COUTO,

2004, p. 09-10). Assim, Kindzu reflete que “desde a morte de meu pai me derivo sozinho, órfão como uma onda” (COUTO, 2004, p. 09).

NO MAR/ MARGEM DAS RELAÇÕES COM O OUTRO

Em se tratando de rito de margem, entendemos como um período ritual no qual é promovida a transição de um estágio individual ou coletivo para outro, bem como há uma transposição entre os estágios, os sujeitos rituais estando no período marginal, dispensam algum tempo numa interestrutura, nomeada também de liminar. Em se tratando da Existência, o indivíduo não estaria nem na estrutura anterior (rito de separação), nem na seguinte (rito de agregação) a que foi promovido. Assim, o indivíduo adentrou um território desconhecido. Não o conseguirá dissociar de seu passado e, nem, tampouco, está apto a vivenciar o estado futuro e almejado. Dessa forma, os ritos de margem “podem constituir uma seção importante, por exemplo, na gravidez, no noivado, na iniciação” (GENNEP, 2011, p. 30).

A relação aparente entre mar/ margem não está apenas no significante, mas amplia-se ao contexto da significação, uma vez que é pertinente em nossa análise, pois insinua e descreve um momento de reflexão pelo qual Kindzu passa em relação a sua separação do pai, depois da morte deste. Esse deslocamento o faz repensar como será o seu futuro sem ele, portanto, não conseguindo identificar qual será o seu próximo rito de passagem, isto é, não sabe o que surgirá mais adiante, o que revela uma espécie de “desorganização profunda” desse processo. Na verdade, esse estágio da vida do protagonista sugere que ele precisa ingressar nessa nova realidade, mesmo desconhecida - só resta-lhe tomar suas próprias decisões. Além disso, esse aspecto de mudança na vida de Kindzu aponta a existência de um momento estático, de parada, representando um “ponto morto”, especialmente entre as situações contrastantes dos ritos de separação e agregação.

Terra Sonâmbula realiza o ritual de celebração e revelação dos momentos de transição dos protagonistas, de forma que proporciona a eles vivenciarem variações temporais de profunda alteração na ordem natural de suas histórias, pois eles experimentam cada fase de transição de seus ritos e, desse modo, aparecem acrescidos do tom de celebração daquele fato experienciado, o que sintetiza a execução de um ritual movido pelo impulso contínuo, que gera um momento especial e solene.

A liberdade com que os homens idealizam representa um indivíduo que pode escolher o caminho a ser seguido, percorrê-lo sem nenhum tipo de restrição e, sobretudo, “a defesa da liberdade e o apelo à vontade, mais do

que razão [...], a liberdade não é ideia. Nascem ambas desta luta inerente da própria Existência. Quanto mais o indivíduo é, menos pensa; e quanto mais pensa, menos é. Não se trata de pensar a Existência, mas de vivê-la” (PERDIGÃO, 2001, p. 549).

A essência dos ritos de passagem no romance em estudo nos é apresentada por Kindzu quando ele diz: “[...] uma viagem cujo único destino era o desejo de partir novamente. Essa viagem, porém, teria que seguir o respeito de seu conselho: eu deveria ir pelo mar, caminhar no último lábio da terra, onde a água faz sede e a areia não guarda nenhuma pegada” (COUTO, 2004, p. 16).

Nesse sentido, Kindzu tenta seguir o seu ritual pelo mar, pois depois que seu pai morrera, o seu único caminho era tornar-se um guerreiro naparama, na luta contra os “fazedores da guerra”. E nesse percurso o mar é visto, enquanto elemento de travessia, cura e transformação. No entanto, o pai o adverte em sonho: “a terra está carregada das leis, mandos e desmandos. O mar não tem governador. Mas cuidado, filho, a pessoa não mora no mar. Mesmo teu pai que sempre andou no mar: a casa onde o espírito dele vem descansar fica em terra” (COUTO, 2004, p. 16).

Segundo Chevalier e Gheerbrant, em seu livro *Dicionário de símbolos*, a imagem do mar representa o “símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações, e dos renascimentos. Águas em movimento, o mar simboliza um estado transitório [...] pode se conciliar bem ou mal. [...] o mar é ao mesmo tempo a *imagem da vida* e a *imagem do morto*” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1997, p. 592; grifo nosso).

Assim, Kindzu terá que seguir o seu rito de separação, viver o seu Dasein, especialmente da família, deverá seguir a sua vida e levará contigo a imagem de seu pai, que em sonho aparece e diz:

- Queres sair da terra?
- Pai eu já não aguento aqui. Fecho os olhos e só vejo mortos, vejo a morte dos vivos, a morte dos mortos.
- Se tu saíres terás que me ver a mim: hei-de-te perseguir, vais sofrer para sempre as minhas visões.
- Mas, pai...
- Nunca mais me chames de pai, a partir de agora serei teu inimigo. Eu queria falar-lhe mas ele saiu-me do sonho. Acordei transpirado do lençol à cabeça. Eu estava aterrorizado com a ameaça do espírito de meu pai (COUTO, 2004, p. 15).

Dessa maneira, Kindzu procura uma solução, a fim de se curar das visões oníricas. Ele vai até o centro da aldeia e diante da árvore-ritual senta-se com os mais velhos, porque buscava aprender suas antigas sabedorias.

Kindzu reconhece o motivo pelo qual o *anima* de seu pai está a se manifestar em seus sonhos. Isso porque, é fundamental que ocorra uma cerimônia fúnebre tradicional. Nesse sentido, o personagem em conversa com um adivinho, recebe a revelação de que irá se separar de seus antepassados e, dessa forma, poderá se tornar um homem liberto. No ritual de sua aldeia, observamos que quando o neófito não segue as tradições da tribo, ele sofre com punições de seus antepassados, principalmente de seu pai.

Mais adiante, percebemos que o adivinho nomeia o protagonista sendo um “homem de viagem” e sua rota de fuga se dá na água, pelo mar. Contudo, será o mar o seu lugar de refúgio, de cura, conforme mencionamos anteriormente.

É importante destacar que a existência do navio durante o percurso de Kindzu é símbolo de jornada e travessia e também viagem da vida para outro plano material. Em suma, é um rito de passagem para outro estágio, outro mundo. Logo, o navio ligado ao aspecto onírico possibilita carregar todas as perdas, paixões e aventuras, pois estão intrínsecas pelas experiências vivenciadas no passado pelo protagonista. Dessa forma, esse objeto apresenta-se flutuando, à deriva no mar, o que estabelece para Joana que as suas emoções não estão numa base sólida, mas, “balançando” como aquele e que, porventura poderá naufragar, pois “a canoa se ondeava, adormecida em águas perdidas” (COUTO, 2004, p. 33). Essa travessia de Kindzu o direcionará ao encontro de Farida, seu futuro amor.

Logo, vivendo o seu rito de margem, Kindzu reconhece nas suas experiências passadas uma espécie de viagem ao centro das coisas, especialmente quanto à sua infância. E completa dizendo: “- Pai, a terra não envelhece. É por quê? É porque trabalha deitada. Quando cansa ela já está em sua esteira, quieta no sono dela. Aprendi muito da terra. É o que você devia fazer” (COUTO, 2004, p. 26).

DESLOCAMENTOS, CRISE E LIBERTAÇÃO: O RITO DE AGREGAÇÃO

A terceira e última fase ritual, nomeada de agregação (incorporação ou reintegração) e da filosofia da Transcendência, consiste na adequação dos protagonistas à realidade cotidiana nutrida da força ritualística, uma vez que, ao passarem pelo período liminar e marginal do processo de ritualização, os personagens conheceram pontos de divisão, ruptura, reflexão, de cada estágio vivenciado em sua travessia e transição. O

acesso à dimensão ritual habilitou Muidinga, Tuahir e Kindzu a assumirem seu novo papel, por compreender de outra forma a vida em comunidade. Diante disso, a eficiência nas mudanças de estado em uma sociedade está intrinsecamente conectada à compreensão de sua estrutura ritual e à existência de uma vivência integral dos momentos de passagem. Assim, os rituais servem, sobretudo, no romance em estudo para promover a identidade social e construir uma imagem de homem individualizado, mas quanto à construção de uma nação, torna-se coletiva.

Vale a pena ressaltar que, estamos dando ênfase à estória de Kindzu, por compreendermos que na fala de Muidinga, ela se processa efetivamente, pelo fato de possuir uma trajetória mítica, pois o mito reatualiza os ritos de passagem.

Kindzu, depois de passar pela baía de Matimati, segue viagem em direção aos guerreiros naparamas, porém em seu barco surge um anão vindo do céu, a fim de enfeitiçar o seu barco. Em seguida, Kindzu vê um vulto de uma mulher no meio das cordas. E aos poucos ela lhe aparece mais detidamente. O seu nome era Farida. Em conversa com ela, Kindzu revela o que aconteceu com o navio e esta o ampara: “era como se aquele navio, de repente, se tivesse tornado num lugar muito antigo, a lembrança de uma casa onde me apetecia nascer” (COUTO, 2004, p. 35).

Nesse sentido, podemos apresentar o que já dissemos *a priori*, ou seja, a narrativa realiza o ritual de sua escrita num sentido espiralado, ascensional e progressivo. O caminho percorrido por Muidinga e Tuahir remonta um pouco essa ideia de algo que se repete, circularmente ou de maneira espiralada, uma vez que traduz à evolução cíclica dos protagonistas, em meio às fases de suas vidas, trajetórias que se situam numa permanente mudança. E, no entanto, esse movimento circular, cíclico se integra às lembranças de seus antepassados, devaneio este, que também se integra aos seus pensamentos, sonhos e imagens do passado. Ou como Tuahir descreve: “diria ao miúdo que aceitava partir. Depois fingiria afastar-se, enquanto andavam em círculos. Regressariam sempre ao machimbombo, à mesma estrada de onde haviam partido” (COUTO, 2004, p. 36).

Os sobreviventes da guerra confrontam-se diariamente no que diz respeito à tragédia e suas consequências. Tragédia esta, na qual a ferida aberta jamais cicatrizará e, portanto, a travessia pelo espaço sinaliza a transformação do mundo, mas por outro lado, a vida não está segura. Muidinga ao ler os cadernos de Kindzu, revela sua forma de resistência à morte, porque a leitura destes descrevem as estórias de um povo que tenta sobreviver e superar a guerra e o caos, restabelecendo a “mansa ordem”, de acordo com as “esperas e sofrências”. E desse modo, o país inimigo e colonizador de Moçambique trata-se de Portugal. Podemos depreender essa

relação binária colônia/ colonizador nas personagens Farida e Romão Pinto, e este, mesmo casado, trai sua esposa com a africana Farida, nome que faz alusão à ferida que não cicatriza diante das perdas e sofrimentos da guerra.

Durante a execução dos ritos de passagem e da experimentação por meio da filosofia da Existência pelos protagonistas, percebemos a agregação a diversos personagens os quais representam o resgate da cultura africana, como por exemplo, Siqueleto, um velho solitário, que mora num local inabitável, pois todos já se foram, um homem fazedor de rios que ao escavar o chão possuía a certeza de encontrar água.

Nesse espaço marcado por diferenças sociais, culturais, e linguísticas, assinalam os personagens de *Terra Sonâmbula* que se enunciam sob diferentes perspectivas, trazendo à tona os mitos, ritos e os sonhos dos mortos ou sobreviventes de uma guerra quase interminável. Nas sociedades africanas, os velhos apresentam e desempenham um grande papel, são dotados de experiência de vida e sabedoria adquirida por meio dela, eles contam as histórias de seu povo, transmitindo, sobretudo, seus ensinamentos aos mais jovens.

A LEITURA ENQUANTO RITUAL DE EXISTÊNCIA E TRANSCENDÊNCIA DO SER E ESTAR NO MUNDO: RESULTADOS

A discussão dos conceitos literários e filosóficos partiu inicialmente do texto “Didática para além da didática”, de Pedro Gontijo que, sugere que o autor, ao escrever seu livro, e perde sua vida autoral, de modo que, será o leitor quem o reviverá. Afinal, seria demasiado reducionista, mesmo que alguns o façam, afirmar que numa aula o professor está apenas a ensinar os alunos a aprender, ou vice-versa.

Numa aula há uma série de agenciamentos, fluxos e linhas que a cortam o tempo todo. São matérias formadas diferentemente, pois cada vez que se “dá” uma aula, as velocidades, tempos e intensidades são diferentes. A escolha e o trabalho de um tema, de um período da história da filosofia, de determinado autor em cada turma diferente e em cada momento diferente alteram a composição das aulas. A singularidade de cada aula foge a qualquer controle: a experiência da aula não é obra de nenhum sujeito. Uma aula é um agenciamento composto de linhas e velocidades diferentes. Uma aula é um agenciamento composto de linhas e velocidades diferentes. É uma multiplicidade. É um movimento intensivo que permite a passagem de partículas que

a constituem e constituem os corpos que nela se formam. Mas quais as implicações de pensar nesse agenciamento? Em primeiro lugar, pode nos levar a pensar com quais agenciamentos a própria aula, em cada um dos seus movimentos, estabelece relações. (GONTIJO, 2013, p. 55).

No texto “Literatura e Sociedade”, Leyla Perrone-Moisés defende que o professor deve optar por textos de qualidade, mais legíveis e acessíveis, que darão ao aluno vontade de continuar, até chegar aos textos mais complexos. E enquanto ele ler continuamente, mais será capaz de estruturar seu próprio texto. “O maior respeito pelo aluno consiste em considerá-lo apto, qualquer que seja sua extração social e suas carências culturais, a adquirir maiores conhecimentos e competências” (PERRONE-MOISÉS, 2006, p. 23).

Aplicando estrategicamente a proposta de atividade de leitura de fragmentos da narrativa *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, buscamos evidenciar nesse discurso em sala de aula sobre a vida de Muidinga, isto é, a solidão na infância, vivida sem a presença dos pais, o encontro com um homem sábio (que poderia ser seu avô) que cuida dele e o ensina a linguagem do mundo, a história e os cadernos de Kindzu e o desfecho de suas histórias de vida.

Inicialmente, solicitamos que os alunos fizessem uma leitura silenciosa dos excertos do romance em questão, e, em seguida, idealizassem e fizessem marcações no texto, seguindo as orientações, ou seja, algumas partes poderiam ser lidas devagar e em outras, rapidamente, outras ainda, com sentimento, devido ao lirismo presente no texto, com marcação de voz pessoal e ou coletiva. Depois de lido o texto narrativo, as marcações textuais foram realizadas, discutimos sobre tais escolhas, levantando, sobretudo, um diálogo interpretativo do romance, exprimindo a experiência estética dos discentes com a obra *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto.

Vale mencionar que tais falas emergem de um ponto importante que é a interação por meio de uma experiência formal, semântico-pragmática e estética de leitura. Conforme acentua Rildo Cosson (2006): “no sentido de que lemos apenas com os nossos olhos, a leitura é, de fato, um ato solitário, mas a interpretação é um ato solidário” (COSSON, 2006, p. 27). Dessa maneira, os discentes aprenderam por meio da leitura individual e da interpretação desta coletivamente que existem novas possibilidades de interpenetrar na camada interpretativa de um texto, sem perder o seu componente principal, a sua literariedade.

Solicitamos a eles que refletissem o processo de vida e existência que cada um deles experimentava no cotidiano, visto que a condição

existencial das personagens retratadas no romance em apreço nenhum deles havia experimentado. Nesse sentido, puderam conhecer mais detidamente as cerimônias ritualísticas que vivenciam socialmente (vida, aprendizagem e morte) e, contudo, discerniram o conceito filosófico de Karl Jaspers, a partir da visão de mundo e particular deles, sendo reconhecido o ser-objeto (Dasein), o ser-sujeito (Existência) e o ser-em-si (Transcendência).

Com efeito, nesta etapa, coletamos argumentos sobre o sentimento despertado pelo texto. Alguns usaram os adjetivos triste e solitário para se referir ao personagem Muindinga, órfão desde criança e exemplo de perda que a guerra sugere existir socialmente. Argumentaram que era uma narrativa muito melancólica e constataram refletindo a condição do indivíduo ligado à terra africana decadente, sua condição existencial e transcendental assimilando, pois, que o único destino para quem vive na guerra é o presságio da morte.

O objetivo dessa etapa foi alcançado, haja vista que os estudantes perceberam que a marcação devagar, rápida, com sentimento, de voz individual e coletiva desenvolveu a percepção do ouvinte e atingiu implicitamente sua mente. Outro estudante relatou que a marcação das partes fundamentais no texto, de maneira geral, despertou nele sentimentos diversos, seja lido devagar, ou rapidamente. Portanto, na prática de registro as expectativas de realização sonora e corporal do texto, podem ser vistas com resultados involuntários, espontâneos, por exemplo, as falas dos alunos se revelam como: “É muito triste não ter os pais ao nosso lado” e “A história de Muindinga é real, têm muitas crianças vivendo nas ruas?”.

No contexto da experiência realizada em sala de aula, pedimos aos discentes que compartilhassem o que aprenderam com os pais e anotassem os argumentos deles para que a opinião da família se integrasse ao discurso escolar e literário, assim, fomentando a tríade escola-família-sociedade.

Vale ressaltar que apresentamos aos discentes o conceito de existência segundo a filosofia de Karl Jaspers, bem como o conceito antropológico de ritos de passagem, de Arnold Van Gennep, ambos como chave de leitura e interpretação do texto literário *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto. Alguns aspectos desse processo descrevemos, a seguir:

1ª parte: Situação inicial: Ritos de separação e Dasein. A estrada morta - Muindinga é um menino que sofreu amnésia e acreditava no encontro com seus pais. Tuahir é um velho sábio que tenta resgatar toda a história do menino, ensinando-lhe novamente tudo sobre o mundo. Eles estão fugindo dos conflitos da guerra civil em Moçambique. Logo no início, enquanto os dois estão caminhando pela estrada, eles encontram um ônibus que foi queimado na região de Machimbombo. Junto a um cadáver, eles encontram um diário. Nos “Cadernos de Kindzu”, o menino conta detalhes de sua vida.

2ª parte: Momento de Tensão e Complicação: Ritos de margem e Existência - parte da narrativa na qual se passam os grandes conflitos: Tuahir e Muidinga estão à procura de alimento em meio ao sol estorpecido de Moçambique, o cenário é desolador e, além disso, outra história se entrecruza a da criança e do idoso. Essa nova história narra a vida de Kindzu, retratada num tempo passado que registra num caderno suas percepções diante da guerra civil que perdurou durante quinze anos. Abandonado pela mãe, Kindzu vai descrevendo em seu diário situações marcantes de sua vida. Desse modo, ele escapou da guerra civil de Moçambique. Posteriormente, Tuahir e Muidinga foram presos numa armadilha por um velho, de nome Siqueleto. Entretanto, tempo depois, eles foram soltos. Em suma, Siqueleto sendo um dos últimos sobreviventes de sua aldeia, resolve se matar.

3ª parte: Desfecho do enredo: Rito de Agregação e Transcendência das personagens – Tuahir conta a Muidinga que um feiticeiro o levou para que sua memória fosse apagada e, sobretudo, no intuito de preservá-lo para sofrer diante das terríveis experiências oriundas da guerra. Tuahir constrói um barco para que eles possam seguir a viagem pelo mar. O último caderno de Kindzu contém os escritos antes de sua morte quando encontra um ônibus queimado e sente a morte bem perto de si. Kindzu, quase morto, viu um menino com seus cadernos na mão, o filho de Farida que ele tanto procurava: Gaspar. Sendo assim, concluímos que Gaspar era, portanto, o menino que sofreu amnésia: Muidinga.

Após a discussão do método-teórico da existência e do ritual de passagem das personagens presentes no texto em estudo, pedimos a eles que registrassem em um diário durante o período de uma semana, tudo que viveram na escola, em família, na comunidade. Isso no intuito de desenvolver neles a escrita criativa e reflexiva mediante experiências sociocomunicativas e interativas de contexto pragmático e funcional.

Ao propor inicialmente tal atividade de leitura em sala de aula observamos a resistência de quase todos os alunos e questionados sobre tal postura, muitas foram às respostas negativas. É necessário alterar esse quadro, pois a leitura é elemento basilar do processo de ensino e aprendizagem, e em uma dimensão mais ampla, um dos elementos essenciais para o exercício da cidadania. A proposta de intervenção reveste-se de relevância para a escola, porque o seu desenvolvimento acarretará melhorias nos índices de proficiência em leitura e escrita; além disso, é possível destacar que novas práticas pedagógicas sempre são bem-vindas, haja vista que o propósito é a melhoria da qualidade do ensino.

Numa turma do 2º ano do Ensino Médio, numa Escola Estadual, da cidade de Montes Claros, norte de Minas Gerais, coletamos aquilo que os discentes gostariam de aprender quanto ao ensino das disciplinas de

Literatura e Filosofia e, dessa maneira, montamos nossas aulas por meio das respostas apresentadas por eles, bem como estas foram elucidadas ao dialogarmos sobre a narrativa *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto.

Em *Terra Sonâmbula* encontramos duas histórias diferentes, mas em essência, elas se comunicam. Percebemos na narrativa a primeira história, cujos protagonistas, Muidinga e Tuahir estão em fuga da guerra civil devastadora que assola Moçambique. Narrado em *flashback*, a trajetória e travessia de Kindzu no desejo de se tornar um guerreiro naparama (guerreiros que combatiam os “fazedores de guerra”), essa história nos é contada por Muidinga ao encontrar numa mala à beira da estrada, ao lado de um corpo, os “cadernos de Kindzu”.

Nesse ponto inicial, buscamos discutir a posição da violência que acomete, principalmente, os países subdesenvolvidos, o episódio de guerra civil que assolou Moçambique entre 1977-1992 e, além disso, dialogamos sobre a condição existencial do homem e sua relação com os outros e com o mundo. Para realizar tal proposta, citamos críticos literários como Antonio Candido, Leyla Perrone-Moisés e filósofos existencialistas como Karl Jaspers e Jean Paul Sartre e da teoria dos ritos de passagem, de Arnold Van Gennep.

Reiteramos que ficamos entusiasmados com os discentes, especialmente, nesse ponto de discussão e exposição de tal conteúdo em sala de aula. Isso aconteceu porque percebemos que muitos deles, ao mesmo tempo, ficaram inconformados com a possibilidade do homem ao invés de aprender com os erros já cometidos no passado, por causa das guerras, persistir no mesmo equívoco, como no caso do romance *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, em que o contexto histórico deste se situa sob essa condição. Muitos estudantes identificaram e compreenderam o lugar de Muidinga, que, mesmo sendo criança e estando perdido de seus pais, nunca permitiu que seus sonhos desaparecessem, apagassem de sua morte. Muidinga compõe nesse quesito o protagonismo do indivíduo inserido numa coletividade e que a ideia de transcender nesse contexto sociocultural é dinâmica cotidiana do ir e vir, do passar e ficar, da vida e crescimento.

Para tanto, dialogamos em sala de aula sobre a posição e condição do indivíduo em aprender, solitariamente, quem é de fato, conhecer sua própria existência, seu próprio ser e estar no mundo. Questões como: quem sou?, para onde vou?, com quem estarei? fazem parte da trajetória do personagem protagonista Muidinga e isso se revela quando ele diz, “O jovem se chama Muidinga. Caminha à frente desde que saíra do campo de refugiados. Se nota nele um leve coxear, uma perna demorando mais que o passo. Vestígio da doença que, ainda há pouco, o arrastara quase até à morte” (COUTO, 2004, p. 9-10). E continua a descrição de Muidinga: “Quem o recolhera fora o velho Tuahir, quando todos outros o haviam abandonado. O

menino estava já sem estado, os ranhos lhe saíam não do nariz mas de toda a cabeça. O velho teve que lhe ensinar todos os incícios: andar, falar, pensar. Muidinga se meninoou outra vez” (COUTO, 2004, p. 9-10). Desse modo, esta segunda infância do menino se revelou e se consagrou pela sobrevivência dele imerso num contexto social desolador e decadente pela guerra.

Em suma, os resultados obtidos por meio do projeto de intervenção da turma do 2º ano do Ensino Médio, de uma Escola Estadual na cidade de Montes Claros, norte de Minas Gerais, foram satisfatórios e substanciais, porque os estudantes compreenderam a possibilidade de interagir e dialogar com o que aprenderam na Literatura e também na Filosofia, partindo do romance em estudo. Logo, tal ação, para o discente, consolidará e solidificará o conhecimento aprendido numa disciplina e na outra poderá com propriedade abordar e ampliar tal discussão, pois tem subsídios para isso.

As situações pedagógicas em sala de aula contaram frequentemente com momentos de diálogo acerca dos problemas existenciais enfrentados pelo protagonista do romance, Muidinga, Tuahir e Kindzu, considerados como questões filosóficas, e debatidos por meio da investigação dialógica logo após a leitura de trechos do livro. Nesse sentido, procurou-se seguir os passos do método socrático, em que o perguntar e o perguntar-se seriam as molas propulsoras da reflexão filosófica. A investigação dialógica estendeu-se durante três encontros de cinquenta minutos, interpretados através de uma análise discursiva que tentou estabelecer relações entre o discurso do professor e dos alunos com o discurso da tradição e teoria literária e filosófica.

Vale a pena mencionar que tal projeto de intervenção teve o intuito de produzir uma reflexão acerca da própria prática pedagógica do autor deste estudo. Este, talvez, tenha sido o objetivo mais amplamente alcançado: conscientizar-se da importância da formação de um professor reflexivo que combine na sua *práxis* o saber fazer com a crítica honesta da sua própria capacidade profissional.

Nesse sentido, buscamos, portanto, fazer uma aproximação entre os conceitos da filosofia existencialista de Karl Jaspers com a teoria antropológica dos ritos de passagem, apresentada pelo etnógrafo Arnold Van Gennep. Dasein se assemelha aos ritos de separação, Existência aos ritos de margem e Transcendência, aos ritos de agregação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A existência nos permite compreender melhor nossa travessia e trajetória de vida na comunidade em que habitamos. Com efeito, o ser

humano se interliga a diversas situações que o favorecem no crescimento individual e coletivo. A possível relação entre ritos de passagem e a filosofia da existência nos remonta que dessa simbiose está a palavra vida, isto é, vive-se e não se percebe como estamos vivendo, ou melhor, o que dela temos consciência para seguirmos nosso caminho de experiência e iluminação no mundo.

Interessante observar que tal comunhão entre rito e existência pode parecer ao estudante do ensino médio como algo hermético, de difícil compreensão num primeiro momento, mas quando apresentados seus conceitos e aproximações por meio de uma narrativa literária, como foi o caso do romance *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto, houve um novo despertar estudantil no que tange ao olhar para o lado da vida que, até então, parecia adormecida. O fascínio e a sensibilidade dos discentes para a percepção das situações apresentadas enquanto teoria e prática de ilustração e exemplo encontrado no texto literário e, em especial pela história de Muidinga, revela a magia das letras em transportar para nossa realidade um sentido que nos faz acordar para refletir nossa condição existencial e isso gera mudança, pois cremos em algo que nos direciona para frente.

Ser-objeto (Dasein), ser-sujeito (Existência) e ser-em-si (Transcendência) representam os ritos em direção a um caminho que se faz viver, tempo das experiências, encontro consigo mesmo. O pensamento da própria consciência, o objeto de si mesmo, um contato empírico com a realidade num movimento de tornar nossa vida existente e, portanto, a filosofia da existência nos faz captar o sentido da vida e de todas as finalidades do mundo, realizando-se enquanto indivíduo no presente, e servindo ao próprio tempo no futuro, mas nunca de estudar a matéria principal, que trata de nós, humanos. Assim, o espaço narrativo de *Terra Sonâmbula* é bastante propício para esta investigação e prática educativa.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira; BORDINI, Maria Glória. *Literatura: a formação do leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BLOOM, Harold. *Como e por que ler*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/docman/abril-2018-pdf/85121-bncc-ensino-medio/file> Acesso em: 05 de março de 2023.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2011.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad. Vera da Costa e Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: Teoria e Prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. Moçambique: Editorial Caminho, 2004.

DAMATTA, Roberto. Apresentação. In: GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem*. Trad. Mariano Ferreira. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 9-20.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem*. Trad. Mariano Ferreira. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GONTIJO, Pedro. Didática para além da didática. In: CORNELLI, Gabriele; CARVALHO, Marcelo. *Ensinar Filosofia*. Cuiabá: Central do Texto, 2013.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix, 1965.

PEIRANO, Mariza G. S. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PERDIGÃO, Maria Antonia. *A filosofia existencial de Karl Jaspers*. Revista Análise Psicológica, Lisboa, Vol. IV, ISSN. 539-557, p. 539-557, 2001.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Literatura para todos*. Revista Literatura e

Sociedade - USP, São Paulo, vol. 09, ISSN 1413-2982, p. 16-29, 2006.

REALE, Giovanni; ANTISIERI, Dario. *História da Filosofia: de Nietzsche à Escola de Frankfurt*. São Paulo: Paulus, 2006.

RONDON, Roberto. Entre o universalismo da tradição filosófica e a diversidade local nas escolas e seus sujeitos. In: CORNELLI, Gabriele; CARVALHO, Marcelo. *Ensinar Filosofia*. Cuiabá: Central do Texto, 2013.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SARTRE, Jean Paul. *O existencialismo é um humanismo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SARTRE, Jean Paul. Prefácio de Os condenados da Terra. In: FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

THIOLLENT, Michel. *Metodologia da Pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1985.

Data de recebimento: 10 abr. 2024

Data de aprovação: 10 ago. 2024